

Desigualdade de Raça e Gênero no Brasil: Mobilidade Intergeracional

Aluna: Catarina Marques Ribeiro da Costa Werlang
Departamento de Economia PUC-Rio
Projeto de Monografia
Matrícula: 1512520
Orientador: Arthur Bragança

Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 2019



Agradecimentos

Logo de início, gostaria de agradecer a todos que fizeram parte da minha trajetória e que de, alguma forma, me tocaram. Queria enunciar minha satisfação de ter ultrapassado alguns obstáculos da ansiedade e da depressão, que apesar de invisíveis aos olhos de terceiros, drenavam toda a minha energia. É com grande orgulho que apresento esta monografia, que aborda assuntos de extrema sensibilidade e urgente relevância no mundo de hoje.

Queria agradecer à minha mãe, Maria Silvia Bastos Marques, que é a pessoa que mais acredita em mim. Tenho uma lista enorme de agradecimentos a fazer mas me restrinjo aqui à agradecer por ser sempre um exemplo pra mim de pessoa correta, estudiosa, trabalhadora, determinada e sensível. Obrigada por tudo isso e muito mais, mãe.

Ao meu pai, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, agradeço pela paciência e disponibilidade para sempre me ver e me ajudar. Obrigada por sempre acreditar em mim e me mostrar meu potencial, até quando eu mesma não o via. Obrigada pelas incontáveis vezes que você foi meu professor particular de Cálculo, de Álgebra, Micro e praticamente todas as matérias da escola ou da faculdade.

Ao meu segundo pai, Rodolfo Fernandes, que mesmo não presente fisicamente nos dias de hoje, está sempre comigo aonde quer que eu vá. Ele, que me ensinou a mais dura lição: a da incerteza da vida. Obrigada por ter existido na minha vida, obrigada por ter sido tão doce e obrigada por me ensinar a sempre ver o lado bom das coisas. Obrigada por tanto, e espero que um dia eu consiga retribuir todo esse amor que recebi tão natural e espontaneamente vindo de você. Tenho muita sorte de ter tido você em minha trajetória, mesmo que por um tempo menor do que o que nós inicialmente almejávamos.

À Marcia Santiago e à Célia de Oliveira, minha mãe e avó de criação, por estarem sempre presentes cuidando de mim. Obrigada por me ensinarem desde cedo que amor de família pode existir entre pessoas que não tem relação sanguínea. Obrigada por serem pessoas incríveis e inspiradoras e obrigada por todo o amor e carinho.

Ao meu irmão gêmeo, Olavo Werlang, obrigada por me acalmar, por me ajudar, por me ouvir e por estar sempre ao meu lado. Obrigada por abrir minha cabeça e me fazer ver o mundo de forma diferente. Você me inspira enormemente e eu tenho muita sorte de compartilhar o meu dia de nascimento com você. Obrigada por ser meu amigo além de irmão.

Aos meus irmãos e minha família queria agradecer por me prestarem tanto apoio: Manuela Werlang, minha irmã; Bernardo Werlang, meu irmão; Silvia Rezende, minha madrinha de coração, Maria Alexandrina, minha avó, Mariana Índio, mãe dos meus irmãos e amiga, e Isadora Tardin, minha prima-irmã, são alguns dentre os muitos familiares que sempre estiveram presentes.

À minha família agregada de amigos, gostaria de agradecer a todos que estiveram do meu lado nesse processo, sempre me ajudando quando eu precisava. Ana Vitória França, Diana Serrano, Cléo Berni, Maria Luiza Serrano, Cecília Vecchi, Érica Costa, Eduarda Motta, Fabiana Lacerda, Carolina Giordano, Juliana Santos, Gabriela Diniz, Natália Trigo, Nina Leone, Amanda Restom, Thereza Miranda, Eduardo Adami, João Henrique Nissenbaum, Henrique Telles, Mateus Reis, João Macedo e Eduardo Quintella foram alguns dentre muitos outros que me acompanharam.

À minha psicóloga, Jovana Druck, ficam os mais sinceros agradecimentos. Obrigada por me tratar com tanto carinho, com tanta sensibilidade e ao mesmo tempo com tanta seriedade. Obrigada por me mostrar que o olhar humano e sensível é a nossa maior qualidade, e que devemos exercitá-lo não só com os outros, mas com nós mesmos.

Ao meu querido amigo de infância que virou amigo de graduação, Tamir Salem. Muito obrigada por ter concedido as suas tardes e noites de domingo a me ensinar R. Obrigada por acreditar no meu potencial e obrigada por me inspirar tanto como acadêmico quanto como amigo.

Por último, mas certamente não menos importante, queria deixar meus agradecimentos ao meu professor orientador, Arthur Bragança. Obrigada pela sua guia, pela sua disposição e pela sua confiança no meu potencial. Obrigada por ter aceitado me ajudar nesse projeto de monografia cujo tema é tão significativo.

1 Introdução

O Brasil é notoriamente um dos países mais desiguais do mundo e, nos últimos 40 anos, seus avanços na distribuição de renda foram, no mínimo, insatisfatórios. A abolição da escravidão, que aconteceu apenas em 1888, foi seguida de uma carência de políticas assistenciais para o povo recém livre. Mais de 100 anos depois, a nação brasileira segue extremamente desigual no que diz respeito à renda e ao acesso a oportunidades dos negros, em relação aos brancos. Assim, é inequívoco que os entraves do escravismo nunca foram de fato superados e que a maioria da população negra ainda se encontra à margem da sociedade. O povo negro, por estar nessa posição vulnerável, é a maior vítima da violência urbana no Brasil. Segundo os dados do VIVA (Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes), entre 10 pessoas assassinadas, 7 são negras. E, de acordo com o Atlas da Violência de 2017, enquanto a variação da taxa de homicídios entre 2005 e 2015 declinou 12,2% para os brancos, para os negros aumentou 18,2%.

Como resultado, a parcela de pessoas pretas e pardas corresponde a 75% dos 10% mais pobres, segundo a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) de 2015, apesar de representarem 54% da população. Já no 1% mais rico da população, a porcentagem de negros e pardos era de apenas 17,8%. Vale lembrar que no Brasil, o 1% mais rico arrecadou R\$ 27.744 por mês, em média, e os 50% menos favorecidos ganharam R\$ 820. Ainda, um trabalhador negro que realiza a mesma função do trabalhador branco recebe, em média, apenas 68% de seu salário. Segundo a PNAD Contínua de 2017, a parcela de negros com ensino superior é 9,3%, que é menos da metade da parcela de brancos com diploma universitário, que consiste em 22,9%.

Adicionalmente, no extenso espectro da desigualdade, persiste a desigualdade entre os gêneros. Assim como no caso dos negros, as mulheres adquiriram seus direitos fundamentais muito recentemente. O Brasil somente permitiu que mulheres votassem e fossem votadas a partir de 1932, com o Decreto nº 21.076. O contingente feminino, durante muito tempo, não teve acesso à educação formal e ao mercado de trabalho, e, em 2018, ainda ganha 79,5% do salário de um homem que exerce a mesma função, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Além disso, a população feminina sofre substancialmente mais do que a masculina com a violência doméstica, que, anualmente, tira milhares de vidas no Brasil. Nosso país registra as estatísticas assustadoras de 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos e de 180 estupros por dia, de acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Mesmo com esses números altíssimos, ainda existe uma parte de casos que não são reportados. Em relação ao feminicídio, que é definido pela lei nº 13.104 como o assassinato da mulher pela condição de ser mulher, o Brasil fica em 5º lugar no mundo.

Felizmente, medidas estão sendo tomadas buscando minimizar essas desigualdades. Cotas para negros no ensino superior, o racismo ser definido por lei como crime inafiançável e imprescritível, a legislação que define feminicídio, delegacia da mulher e cotas para mulheres candidatas em partidos são algumas das iniciativas adotadas nos anos recentes. Porém, ainda se observa uma grande disparidade entre homens negros, mulheres negras, mulheres brancas e homens brancos. Dessa forma, estudar esse hiato histórico é fundamental para melhor entendê-lo e para possivelmente diminuí-lo, através da elaboração eficaz de políticas públicas.

Esta pesquisa se utiliza dos dados da PNAD de 2014, para melhor entender a relação entre a escolaridade dos pais, e a escolaridade e os salários dos filhos, focando nas diferenças decorrentes da raça e

do gênero do indivíduo. Na literatura brasileira, relativamente poucas análises sobre as desigualdades foram feitas, se formos comparar com a inaceitável magnitude do nosso vão histórico.

É importante ressaltar que esse vão atrasa ascensão de centenas de milhões de indivíduos. Investigar esse tema é fundamental para que as assimetrias entre diversos subgrupos socioeconômicos sejam atenuadas. Assim, os resultados desta monografia nos darão uma noção da trajetória atual da histórica desigualdade brasileira. O diagnóstico esperado aqui, potencialmente, contribui para a literatura por se tratar das décadas recentes e por implementar interações que combinam raça e gênero.

O restante do texto está organizado em seções, cumprindo a seguinte ordem:

- 2 - Revisão de Literatura
- 3 - Estratégia Empírica
- 4 - Resultados
- 5 - Considerações Finais
- 6 - Referências Bibliográficas
- 7 - Apêndice

2 Revisão de Literatura

2.1 Fundamentos teóricos da mobilidade intergeracional

Mobilidade intergeracional de renda é um tema de importância crucial quando falamos da desigualdade socioeconômica de um Estado. Ela é, simplesmente, o “elevador social”, ou seja, em quanto tempo a família de um indivíduo consegue ascender socialmente de uma classe de renda baixa para a renda média do país.

Segundo a teoria defendida por Roemer & Trannoy (2015), ao falar em igualdade de oportunidades, devemos focar na justa distribuição de renda, ao invés de erroneamente responsabilizar indivíduos distintos pelo seu êxito socioeconômico. Eles defendem que, as circunstâncias causadoras da desigualdade devem ser levadas em conta pois só assim, podemos almejar, de fato, a igualdade de oportunidades. Os autores acreditam que as diferentes condições na saúde, na renda e na escolaridade precisam ser equalizadas para que os indivíduos possam ser realmente encarregados das consequências das suas próprias escolhas.

Ainda, Roemer & Trannoy demonstram que, apesar de terem ocorrido mudanças positivas no acesso a oportunidades iguais, a desigualdade de hoje ainda reproduz um padrão antigo. Atualmente, o pano de fundo do indivíduo é responsável por parte significativa do seu êxito pessoal, o que, antigamente, no feudalismo, era conferido a classes sociais arbitrárias e rígidas. Assim, garantir que as circunstâncias familiares diferentes tenham um peso pequeno no futuro socioeconômico dos seus descendentes é o caminho para o acesso igualitário às oportunidades. Empiricamente, temos como exemplo bem sucedido os países nórdicos, que conseguiram diminuir profundamente a desigualdade socioeconômica sem comprometer o crescimento do PIB.

Casos extremos de desigualdade impedem os indivíduos mais pobres de terem acesso a alimentação

saudável, saúde de qualidade, educação de qualidade e moradia, e ainda, impede que os países tenham um maior crescimento do PIB a longo prazo. Logo, estudar mobilidade intergeracional é iminente para que os países caminhem para igualdade no acesso às oportunidades, e, até, para que tenham estabilidade democrática. A mobilidade intergeracional, é, por definição, uma forma de mensurar a (des)igualdade no acesso às oportunidades, pois ela compara as rendas, levando em conta a educação e/ou renda familiar prévia de diferentes indivíduos.

2.2 Evidência empírica sobre mobilidade intergeracional

Irrefutavelmente, a América Latina e, especificamente o Brasil, apresentam ampla desigualdade, visto a impetuosa colonização europeia. Esta, por conseguinte, acarreou em instituições políticas extrativistas e exclusivas, que apenas intensificaram a estratificação nessas sociedades (Acemoglu & Robinson, 2012). Assim, especialmente para essa região, ponderações sobre mobilidade intergeracional são imprescindíveis. O Brasil está na segunda pior posição de um estudo feito sobre mobilidade social feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ficando apenas atrás da Colômbia.

Nos Estados Unidos, Acemoglu et al (2016) mostram que uma maior mobilidade social pode aumentar a estabilidade da democracia. Hilger (2015) avaliou que os ganhos em mobilidade intergeracional, nos Estados Unidos, pós os anos 40, se deram, principalmente, graças aos ganhos em mobilidade intergeracional no Sul, e, que esses ganhos, por sua vez, se deram principalmente graças ao maior acesso ao ensino médio. Ainda sobre a sociedade norte-americana, Roemer & Unveren (2016) apontam que a probabilidade de um filho de um *blue collar* é menor de um *white collar* de acessar um emprego *white collar*.

Na América Latina, os resultados não mentem. Os dados expressam uma forte desigualdade no acesso à educação, e como consequência, uma manutenção da histórica concentração de renda. Comparando com os Estados Unidos, a mobilidade latino-americana é muito mais engessada. Behrman et al (2001) concluem que o sucesso econômico do latino-americano está fortemente vinculado ao seu *background*, o que simplesmente aponta para uma baixa mobilidade entre gerações.

2.3 Evidência empírica sobre a mobilidade intergeracional brasileira

Dentre a literatura sobre o Brasil, Ferreira & Veloso (2003) constatam que o grau de mobilidade intergeracional de educação do Brasil é o segundo mais baixo do mundo, ficando apenas atrás da Colômbia. Segundo o artigo de 2018 da OECD, descendentes de brasileiros dentre os 10% mais pobres demorariam nove gerações para atingir a renda média do país, que é, em 2019, R\$ 2.340, segundo o IBGE. Vale a pena ressaltar que Paschoal (2008) inferiu que, para a mobilidade de educação brasileira, quanto mais extremo o quantil da escolaridade do indivíduo, menor é o peso da educação do pai. Porém, para a porção central, a persistência da educação é maior, o que significa que a mobilidade é menor. É urgente a necessidade de pensar na mobilidade intergeracional para o quantil mais pobre, pois, como mostram Annegues & Figueiredo (2015), um aumento geral na mobilidade entre gerações não afeta essa porção da mesma forma que afeta a porção mais rica.

Ainda, é verificado por Szerman & Pero (2008) que a persistência de renda familiar brasileira é responsável por, aproximadamente, 67% da desigualdade observada. Além disso, o Brasil é apontado como

o país com menor grau de mobilidade intergeracional. De acordo com Menezes (2006), a probabilidade de um filho de pai analfabeto também ser analfabeto é 24%, e apenas 4% completará o ensino superior.

Becker et al (2018) constatam que a porção mais rica da população investe mais na educação dos seus filhos do que a porção mais pobre. Logo, naturalmente, a mobilidade é baixa entre os mais ricos, e assim a persistência intergeracional de riqueza é alta. Para reduzir essa persistência é necessário pensar na elaboração de políticas públicas focadas nas parcelas mais pobres, visto que os quantis mais desprovidos apresentam padrões diferentes dos quantis mais abastados.

No entanto, felizmente, desde 1990, foi reportada uma queda do grau de persistência educacional, para o coorte mais jovem, de acordo com Mahlmeister et al (2019). Porém, apesar de a desigualdade salarial ter caído nos últimos anos, as posições dos indivíduos em relação à renda e à educação continua estagnada, como pontua Cruz (2019).

2.4 Evidências empíricas sobre mobilidade intergeracional focando nas divergências de raça e gênero

O Brasil, mesmo sendo o país com maior população negra fora da África, tem seus os escalões mais altos da sociedade ocupados massivamente por homens brancos. Na nação tupiniquim, a população negra é apenas 17% dos mais ricos e 3/4 da população mais pobre, segundo dados de IBGE de 2016.

Dadas essas condições, é natural pensar que o tempo para que negros e mulheres ascendam socialmente seja maior do que o tempo médio de ascensão social. Dessa forma, nos Estados Unidos, Chetty et al (2014) inferem que a mobilidade intergeracional varia muito pelas regiões do país e que um padrão notável é a correlação de baixa mobilidade intergeracional em regiões com maiores populações afro-americanas. Já no Brasil, Ferreira & Veloso (2003) mostram que a região Nordeste, que é a região com a maior porcentagem negra, é a que tem um menor grau de mobilidade intergeracional.

Para mais, Chetty et al (2014) analisa que, apesar de regiões com maior disponibilidade de bens públicos e legislação tributária favorável aumentarem a mobilidade das famílias mais pobres, a segregação e a desigualdade são fatores com peso maior ainda na determinação da mobilidade intergeracional. Indo além, os autores afirmam que pouco das diferenças regionais norte-americanas é explicada pelas diferenças no acesso a educação mais elevada. Áreas com grande mobilidade ascendente estão relacionadas a indivíduos de famílias pobres com acesso a ensino superior, porém, o impacto marginal no aumento do acesso à educação superior é ínfimo. Ainda, as características das faculdades regionais dizem pouco sobre o êxito econômico dos indivíduos dessas regiões. Motivos que não podem ser explicados simplesmente por diferenças regionais objetivas como acesso à escolaridade, tributação moderada e disponibilidade de bens públicos, impactam a renda de inúmeras pessoas.

Na nação brasileira, essas desigualdades sociais entre regiões e entre raças é nítida, sendo o Nordeste a região com menor mobilidade intergeracional de educação, e os negros com menor mobilidade que os brancos, como demonstrado por Annegues Figueiredo (2015). Mahlmeister et al (2019) chegam à conclusão de que a mobilidade intergeracional entre negros ainda é menor do que a de brancos, o que é fortemente associado à probabilidade de um filho de um pai sem escolaridade permanecer sem

escolaridade.

Não obstante, como documentado por Figueiredo (2010), para os negros e brancos da nação brasileira, a mobilidade intergeracional funciona de forma inversa. Os negros possuem um nível mais alto de mobilidade para os estratos mais baixos da distribuição, enquanto os brancos apresentam maior persistência, transitando para os estratos mais altos da distribuição.

Assim, as condições destoantes entre os pobres e ricos brasileiros nos aponta um padrão específico, onde, ser homem e ser branco, é tido como vantagem. Portanto, a manutenção dessa desigualdade socioeconômica do Brasil faz com que estudar a mobilidade entre gerações seja ainda mais urgente. Dessa forma, essa monografia vai explorar a mobilidade intergeracional do nosso país, focando nas disparidades de raça e gênero.

3 Estratégia Empírica

Para este trabalho precisamos saber idade, gênero, raça, região geográfica, renda média, escolaridade e escolaridade dos pais. Dessa forma, a base de dados utilizada foi a PNAD de 2014, porque ela dispõe um apêndice com perguntas sobre os pais do indivíduo. A coleta dos dados foi feita através site do IBGE.

Exclusivamente por motivo de convenção, utilizamos a escolaridade do pai ao invés da escolaridade da mãe. Os níveis de escolaridade têm forte correlação, como podemos ver na regressão a seguir, que engloba todos os indivíduos da PNAD de 2014 que informaram ambos os níveis de educação da mãe e do pai:

$$AnosEstudoPai_i = \beta_0 + \beta_1 * AnosEstudosMãe_i + \epsilon_i \quad (1)$$

Tabela 1: Anos de Estudo do Pai x Anos de Estudo da Mãe

<i>Dependent variable:</i>	
AnosEstudoPai	
AnosEstudoMãe	0.745*** (0.739, 0.752)
β_0	1.259*** (1.216, 1.302)
Observations	30,644
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Fica evidente pelo resultado da regressão que o β_1 estimado de 0,745 é estatisticamente significativo, com um p valor menor do que 0,01 e um número elevado de observações, 30.644. Logo, como se suspeitava, indivíduos com pais mais escolarizados costumam ter mães mais escolarizadas, assim como indivíduos com pais menos escolarizados tendem a ter mãe menos escolarizadas.

Assim, para construir nossa regressão que estima a mobilidade intergeracional no Brasil, vamos precisar relacionar os anos de estudo do pai com a raça e gênero do indivíduo. Dessa forma, vamos conseguir construir uma relação entre essas variáveis, com uma variável estimada, que vai representar o "nível" que o indivíduo se encontra. Logo, as variáveis independentes utilizadas foram:

- **os anos de estudo do pai** : variando de 0 a 16 anos, sendo 0 ano o caso de um pai que não teve nenhum ano de educação formal, 1 ano se o pai estudou até o CA ou fez alfabetização de jovens e adultos, 4 anos se o pai tem até o primário cursado, 8 se tem o ginásio ou ensino fundamental, 11 se tem científico ou ensino médio e 16 anos pós doutorado ou mestrado ou doutorado ou graduação completos;

- **grupo demográfico** : os grupos demográficos são: homem branco, mulher branca, homem negro e mulher negra. Essa variável representa o efeito direto de pertencer a cada grupo demográfico. O grupo demográfico dos homens brancos foi escolhido como grupo base, o qual vamos comparar com os demais para estimar as desigualdades deles para com o homem branco. Assim, essa variável varia conforme o gênero e raça do indivíduo, para calcularmos o efeito de ser parte desse grupo, e ela assume os valores: MulherBranca, HomemNegro e MulherNegra. Se o indivíduo for homem branco, a variável assume valor 0.

- **interação dos anos de estudo do pai x grupo demográfico** : é a interação (multiplicação) da variável quantidade de anos de estudo do pai do indivíduo com a variável categórica que representa o grupo demográfico do indivíduo. Essa variável mensura qual o impacto que o efeito de pertencer a cada grupo para um ano adicional de estudo do pai.

Foram feitas regressões tanto com o salário do indivíduo, quanto com os anos de estudo do indivíduo como variáveis dependentes. A variável para o salário é o logaritmo natural do salário em reais, e os anos de estudo do indivíduo é o número de anos de estudo que ele próprio constata na coleta dos dados.^{1 2}

Por fim, para mitigar efeitos de heterogeneidade, foram adicionadas *dummies* de efeitos fixos para cada região do país. A região que serviu de base foi a Sudeste.

Após a retirada das observações sem informação, foram feitas as regressões a seguir:

$$\begin{aligned} AnosEstudo_i = \beta_0 + \beta_1 * AnosEstudoPai_i * GrupoDemográfico_i + \\ + \beta_2 * GrupoDemográfico_i + EfeitosFixosRegião_i + \epsilon_i \end{aligned} \quad (2)$$

$$\begin{aligned} LogSalário_i = \beta_0 + \beta_1 * AnosEstudoPai_i * GrupoDemográfico_i + \\ + \beta_2 * GrupoDemográfico_i + EfeitosFixosRegião_i + \epsilon_i \end{aligned} \quad (3)$$

Como estamos tratando de mobilidade intergeracional e a PNAD engloba pessoas das mais variadas idades, para captar o efeito com mais acurácia, a amostra foi dividida em 3 restrições. Isso porque, quando dividimos a amostra nesses cortes, conseguimos estimar o efeito específico para a geração com aquela faixa etária, ao invés de um efeito genérico, que não captaria o impacto geracional com eficácia.

¹Descrição da variável independente "Anos de Estudo" no Apêndice

²Relação entre salário do indivíduo e educação do indivíduo no Apêndice

Portanto, estimamos regressões para as seguintes restrições amostrais:

peçoas com idade maior ou igual a 25 e menor do que 35;
peçoas com idade maior ou igual a 35 e menor do que 45;
peçoas com idade maior ou igual a 45 e menor do que 55.

Após a análise dos resultados das regressões educação do indivíduo x educação do pai e salário do indivíduo x educação do pai, foram feitas regressões adicionando uma *dummy* se o pai morava com o filho. Se quando o indivíduo tinha 15 anos seu pai morava com ele, a variável assume valor 1 e se não, assume valor 0. Para tal, assim como nas outras regressões feitas, as observações sem informação foram retirados da amostra.

A seguir, as regressões lineares com a adição da nova *dummy*:

$$\begin{aligned} \text{LogSalário}_i = & \beta_0 + \beta_1 * \text{AnosEstudoPai}_i * \text{GrupoDemográfico}_i + \\ & + \beta_2 * \text{GrupoDemográfico}_i + \beta_3 * d\text{Morava}_i + \text{EfeitosFixosRegião}_i + \epsilon_i \end{aligned} \quad (4)$$

$$\begin{aligned} \text{AnosEstudo}_i = & \beta_0 + \beta_1 * \text{AnosEstudoPai}_i * \text{GrupoDemográfico}_i + \\ & + \beta_2 * \text{GrupoDemográfico}_i + \beta_3 * d\text{Morava}_i + \text{EfeitosFixosRegião}_i + \epsilon_i \end{aligned} \quad (5)$$

4 Resultados

Tabela 2: Anos de Estudo x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 25 a 35 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Anos de Estudo
AnosEstudoPai	0.394*** (0.369, 0.420)
MulherBranca	1.310*** (0.996, 1.623)
HomemNegro	-0.894*** (-1.186, -0.602)
MulherNegra	0.524*** (0.234, 0.813)
EfeitosFixosCentroOeste	0.039 (-0.169, 0.246)
EfeitosFixosNorte	-0.750*** (-0.944, -0.557)
EfeitoFixosNordeste	-0.682*** (-0.843, -0.522)
EfeitosFixosSul	-0.401*** (-0.578, -0.223)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.067*** (-0.103, -0.030)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.022 (-0.015, 0.059)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.047** (-0.084, -0.010)
β_0	8.203*** (7.960, 8.447)
Observations	7,560
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 3: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 25 a 35 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Log Salário
AnosEstudoPai	0.068*** (0.061, 0.074)
MulherBranca	-0.258*** (-0.340, -0.177)
HomemNegro	-0.128*** (-0.198, -0.058)
MulherNegra	-0.501*** (-0.577, -0.425)
EfeitosFixosCentroOeste	0.128*** (0.077, 0.180)
EfeitosFixosNorte	-0.178*** (-0.229, -0.127)
EfeitosFixosNordeste	-0.376*** (-0.418, -0.335)
EfeitosFixosSul	0.024 (-0.020, 0.068)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.004 (-0.014, 0.005)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.006 (-0.015, 0.003)
AnosEstudoPai * MulherNegra	0.003 (-0.006, 0.013)
0	7.054*** (6.995, 7.112)
Observations	5,654
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 4: Anos de estudo x Anos de Estudo do pai, para a amostra de 35 a 45 anos

<i>Dependent variable:</i>	
Anos de Estudo	
AnosEstudoPai	0.490*** (0.456, 0.524)
MulherBranca	1.410*** (1.056, 1.763)
HomemNegro	-0.827*** (-1.167, -0.486)
MulherNegra	0.550*** (0.213, 0.888)
EfeitosFixosCentroOeste	0.009 (-0.260, 0.278)
EfeitosFixosNorte	-0.322** (-0.577, -0.066)
EfeitosFixosNordeste	-0.788*** (-0.994, -0.582)
EfeitosFixosSul	-0.153 (-0.378, 0.072)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.090*** (-0.136, -0.043)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.010 (-0.041, 0.060)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.073** (-0.124, -0.023)
β_0	7.116*** (6.833, 7.400)
Observations	6,738
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 5: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 35 a 45 anos

<i>Dependent variable:</i>	
Log Salário	
AnosEstudoPai	0.087*** (0.080, 0.095)
MulherBranca	-0.367*** (-0.449, -0.286)
HomemNegro	-0.158*** (-0.231, -0.086)
MulherNegra	-0.546*** (-0.623, -0.469)
EfeitosFixosCentroOeste	0.152*** (0.092, 0.213)
EfeitosFixosNorte	-0.255*** (-0.314, -0.196)
EfeitosFixosNOrdeste	-0.434*** (-0.482, -0.386)
EfeitosFixosSul	-0.024 (-0.074, 0.027)
AnosEstudoPai * MulherBranca	0.003 (-0.007, 0.013)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.014** (-0.024, -0.003)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.014** (-0.026, -0.003)
β_0	7.207*** (7.146, 7.268)
Observations	5,217
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 6: Anos de Estudo x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 45 a 55 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Anos de Estudo
AnosEstudoPai	0.473*** (0.428, 0.517)
MulherBranca	0.567** (0.173, 0.962)
HomemNegro	-1.574*** (-1.965, -1.182)
MulherNegra	-0.670*** (-1.056, -0.284)
EfeitosFixosCentroOeste	-0.240 (-0.581, 0.100)
EfeitosFixosNorte	-0.535*** (-0.866, -0.203)
EfeitosFixosNordeste	-0.780*** (-1.033, -0.528)
EfeitosFixosSul	-0.253 (-0.516, 0.010)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.002 (-0.063, 0.058)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.144*** (0.076, 0.213)
AnosEstudoPai * MulherNegra	0.048 (-0.020, 0.116)
β_0	6.932*** (6.609, 7.254)
Observations	5,582
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 7: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 45 a 55 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Log Salário
AnosEstudoPai	0.073*** (0.064, 0.083)
MulherBranca	-0.412*** (-0.505, -0.318)
HomemNegro	-0.260*** (-0.346, -0.174)
MulherNegra	-0.726*** (-0.820, -0.633)
EfeitosFixosCentroOeste	0.070 (-0.009, 0.150)
EfeitosFixosNorte	-0.219*** (-0.298, -0.141)
EfeitosFixosNordeste	-0.374*** (-0.435, -0.313)
EfeitosFixosSul	-0.045 (-0.106, 0.016)
AnosEstudoPai * MulherBranca	0.024*** (0.010, 0.037)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.009 (-0.005, 0.024)
AnosEstudoPai * MulherNegra	0.017* (0.001, 0.034)
β_0	7.292*** (7.221, 7.363)
Observations	3,925
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 8: Adicionando *Morava*: Anos de Estudo x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 25 a 35 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Anos de Estudo
AnosEstudoPai	0.360*** (0.334, 0.386)
MulherBranca	1.285*** (0.974, 1.597)
HomemNegro	-0.637*** (-0.931, -0.343)
MulherNegra	0.764*** (0.473, 1.055)
EfeitosFixosCentroOeste	0.095 (-0.111, 0.301)
EfeitosFixosNorte	-0.691*** (-0.884, -0.499)
EfeitosFixosNordeste	-0.549*** (-0.711, -0.388)
EfeitosFixosSul	-0.445*** (-0.622, -0.269)
Morava	1.045*** (0.855, 1.236)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.065*** (-0.102, -0.029)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.017 (-0.054, 0.021)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.085*** (-0.122, -0.048)
β_0	7.519*** (7.247, 7.792)
Observations	7,560
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 9: Adicionando *Morava*: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 25 a 35 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Log Salário
AnosEstudoPai	0.065*** (0.059, 0.071)
MulherBranca	-0.263*** (-0.345, -0.182)
HomemNegro	-0.107** (-0.178, -0.036)
MulherNegra	-0.486*** (-0.562, -0.409)
EfeitosFixosCentroOeste	0.134*** (0.082, 0.185)
EfeitosFixosNorte	-0.173*** (-0.224, -0.122)
EfeitosFixosNordeste	-0.367*** (-0.409, -0.325)
EfeitosFixosSul	0.021 (-0.023, 0.065)
Morava	0.085*** (0.035, 0.135)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.004 (-0.013, 0.005)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.009* (-0.018, -0.0001)
AnosEstudoPai * MulherNegra	0.001 (-0.009, 0.011)
β_0	6.997*** (6.929, 7.064)
Observations	5,654
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 10: Adicionando *Morava*: Anos de Estudo x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 35 a 45 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Anos de Estudo
AnosEstudoPai	0.434*** (0.399, 0.470)
MulherBranca	1.385*** (1.034, 1.736)
HomemNegro	-0.566*** (-0.907, -0.225)
MulherNegra	0.812*** (0.475, 1.150)
EfeitosFixosCentroOeste	0.085 (-0.182, 0.353)
EfeitosFixosNorte	-0.242 (-0.497, 0.012)
EfeitosFixosNordeste	-0.606*** (-0.813, -0.399)
EfeitosFixosSul	-0.215 (-0.439, 0.009)
Morava	1.325*** (1.099, 1.550)
AnosEstudoPai * MulherBranca	-0.087*** (-0.133, -0.041)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.041 (-0.092, 0.010)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.124*** (-0.175, -0.073)
β_0	6.335*** (6.024, 6.647)
Observations	6,738
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 11: Adicionando *Morava*: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 35 a 45 anos

	<i>Dependent variable:</i>
	Log Salário
AnosEstudoPai	0.082*** (0.075, 0.090)
MulherBranca	-0.372*** (-0.454, -0.291)
HomemNegro	-0.135*** (-0.209, -0.062)
MulherNegra	-0.527*** (-0.605, -0.449)
EfeitosFixosCentroOeste	0.158*** (0.098, 0.219)
EfeitosFixosNorte	-0.248*** (-0.307, -0.189)
EfeitosFixosNordeste	-0.418*** (-0.466, -0.370)
EfeitosFixosSul	-0.030 (-0.080, 0.021)
Morava	0.118*** (0.066, 0.170)
AnosEstudoPai * MulherBranca	0.004 (-0.007, 0.014)
AnosEstudoPai * HomemNegro	-0.018*** (-0.029, -0.007)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.018** (-0.030, -0.006)
β_0	7.138*** (7.070, 7.207)
Observations	5,217
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 12: Adicionando *Morava*: Anos de Estudo x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 45 a 55 anos

<i>Dependent variable:</i>	
Anos de Estudo	
AnosEstudoPai	0.365*** (0.319, 0.411)
MulherBranca	0.523** (0.134, 0.912)
HomemNegro	-1.226*** (-1.614, -0.837)
MulherNegra	-0.311 (-0.694, 0.072)
EfeitosFixosCentroOeste	-0.158 (-0.494, 0.177)
EfeitosFixosNorte	-0.389* (-0.716, -0.061)
EfeitosFixosNordeste	-0.524*** (-0.775, -0.273)
EfeitosFixosSul	-0.301* (-0.561, -0.042)
Morava	2.029*** (1.769, 2.290)
AnosEstudoPai * MulherBranca	0.003 (-0.056, 0.063)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.071* (0.002, 0.139)
AnosEstudoPai * MulherNegra	-0.033 (-0.101, 0.035)
β_0	5.848*** (5.501, 6.195)
Observations	5,582
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Tabela 13: Adicionando *Morava*: Log Salário x Anos de Estudo do Pai, para a amostra de 45 a 55 anos

<i>Dependent variable:</i>	
Log Salário	
AnosEstudoPai	0.062*** (0.052, 0.072)
MulherBranca	-0.424*** (-0.517, -0.330)
HomemNegro	-0.223*** (-0.309, -0.137)
MulherNegra	-0.692*** (-0.786, -0.599)
EfeitosFixosCentroOeste	0.083* (0.004, 0.162)
EfeitosFixosNorte	-0.203*** (-0.282, -0.125)
EfeitosFixosNordeste	-0.350*** (-0.411, -0.290)
EfeitosFixosSul	-0.050 (-0.111, 0.011)
Morava	0.219*** (0.156, 0.282)
AnosEstudoPai * MulherBranca	0.026*** (0.012, 0.039)
AnosEstudoPai * HomemNegro	0.002 (-0.013, 0.017)
AnosEstudoPai * MulherNegra	0.010 (-0.007, 0.026)
β_0	7.173*** (7.094, 7.251)
Observations	3,925
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Grupo	Média Anos de Estudo
Geral	6.7
Geral 25-35	9.9
Geral 35-45	8.6
Geral 45-55	8.8
Homens	6.5
Mulheres	7.0
Negros	6.2
Branco	7.4
Homens Negros	5.9
Homens Negros 25-35	8.8
Homens Negros 35-45	7.4
Homens Negros 45-55	7.7
Homens Branco	7.2
Homens Branco 25-35	10.4
Homens Branco 35-45	9.3
Homens Branco 45-55	9.5
Mulheres Negras	6.4
Mulheres Negras 25-35	9.6
Mulheres Negras 35-45	8.3
Mulheres Negras 45-55	8.5
Mulheres Branco	7.6
Mulheres Branco 25-35	11.2
Mulheres Branco 35-45	10.0
Mulheres Branco 45-55	10.1

Grupo	Média Salarial (R\$)
Geral	1.700,28
Geral 25-35	1.610,85
Geral 35-45	1.864,79
Geral 45-55	1.809,40
Homens	1895,84
Mulheres	1.431,28
Negros	1.321,91
Branco	2.179,25
Mulheres Negras	1.096,89
Mulheres Negras 25-35	1.125,67
Mulheres Negras 35-45	1.163,30
Mulheres Negras 45-55	1.167,33
Mulheres Brancas	1816,651
Mulheres Brancas 25-35	1.782,24
Mulheres Brancas 35-45	2.012,44
Mulheres Brancas 45-55	2.108,65
Homens Negros	1.474,08
Homens Negros 25-35	1.449,97
Homens Negros 35-45	1.646,66
Homens Negros 45-55	1.741,40
Homens Brancos	2.467,80
Homens Brancos 25-35	2.187,76
Homens Brancos 35-45	2772,42
Homens Brancos 45-55	2772,42

Estatísticas	Salário (R\$)
Desvio Padrão	2.634,12
Assimetria	19,54
Q1	724
Mediana	1.000
Q2	1.800
Desvio Padrão 25-35	2.075,01
Desvio Padrão 35-45	2.589,36
Desvio Padrão 45-55	2.978,16
Estatísticas	Anos de Estudo
Desvio Padrão	4,9
Assimetria	0,05
Q1	2
Mediana	7
Q2	11
Desvio Padrão 25-35	3,8
Desvio Padrão 35-45	4,4
Desvio Padrão 45-55	4,7
Estatísticas	Anos de Estudo do pai
Média	5,0
Média 25-35	6,1
Média 35-45	4,9
Média 45-55	5,1

Figura 1: Log Salário x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico

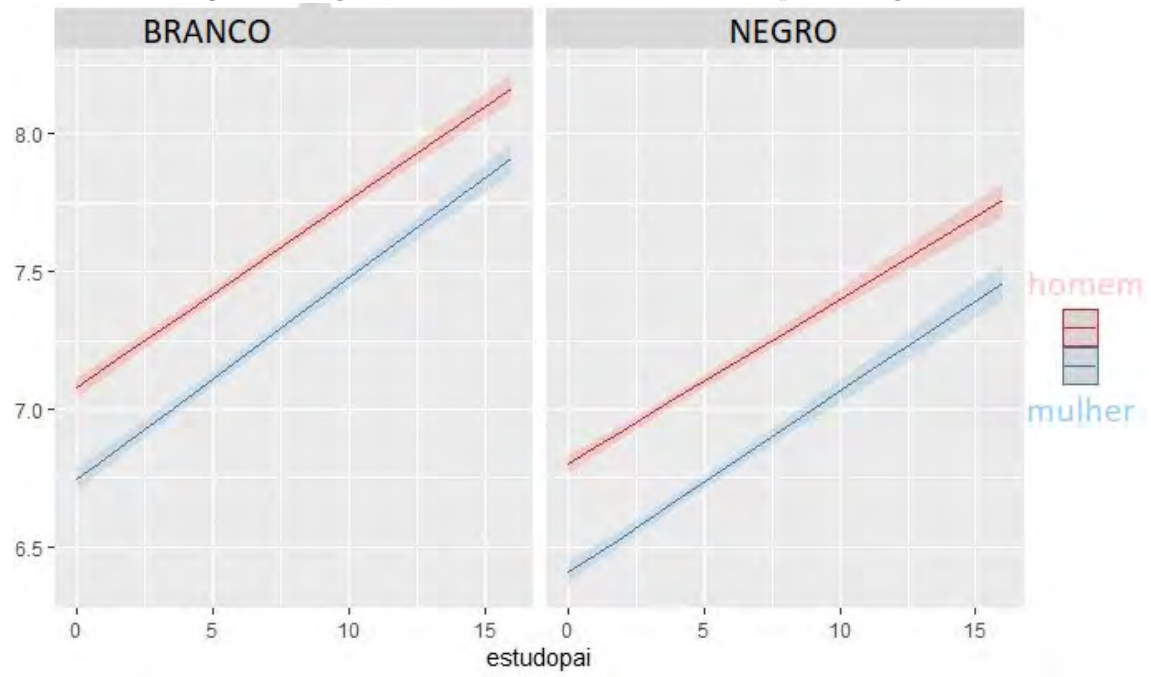


Figura 2: Log Salário x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 25-35 anos

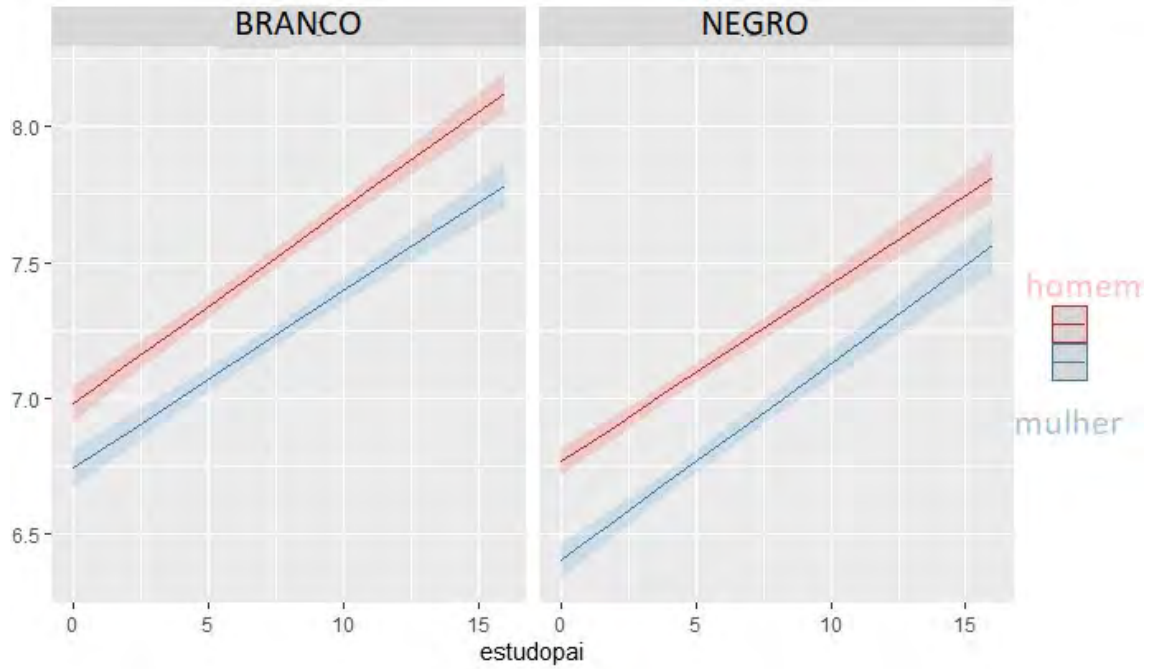


Figura 3: Log Salário x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 35-45 anos

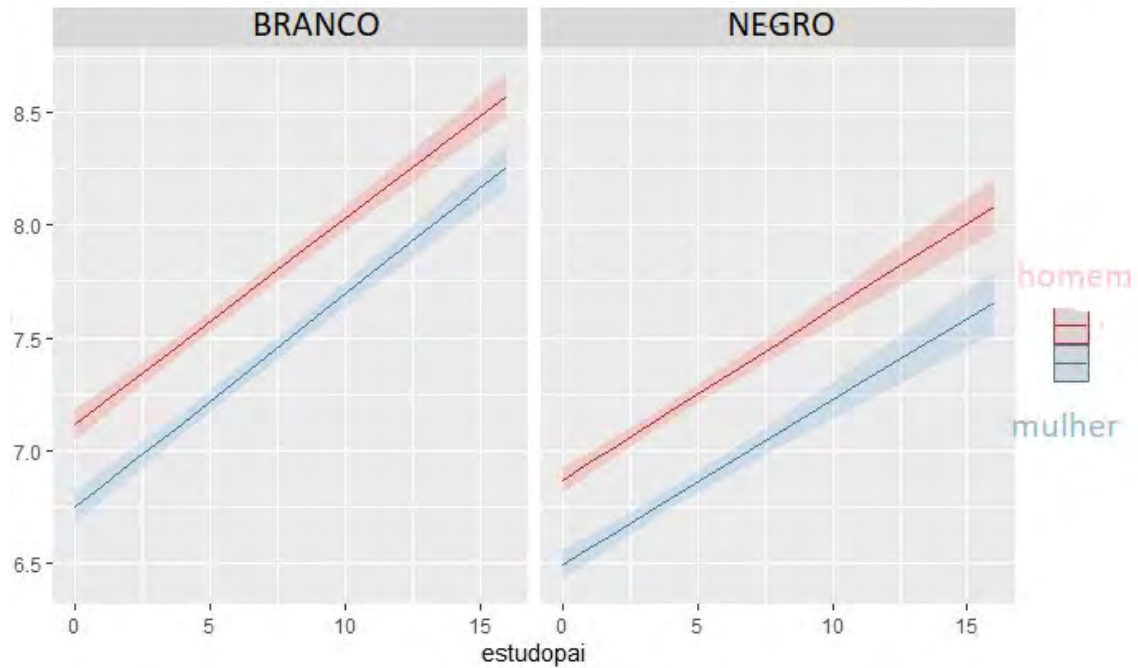


Figura 4: Log Salário x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 45-55 anos

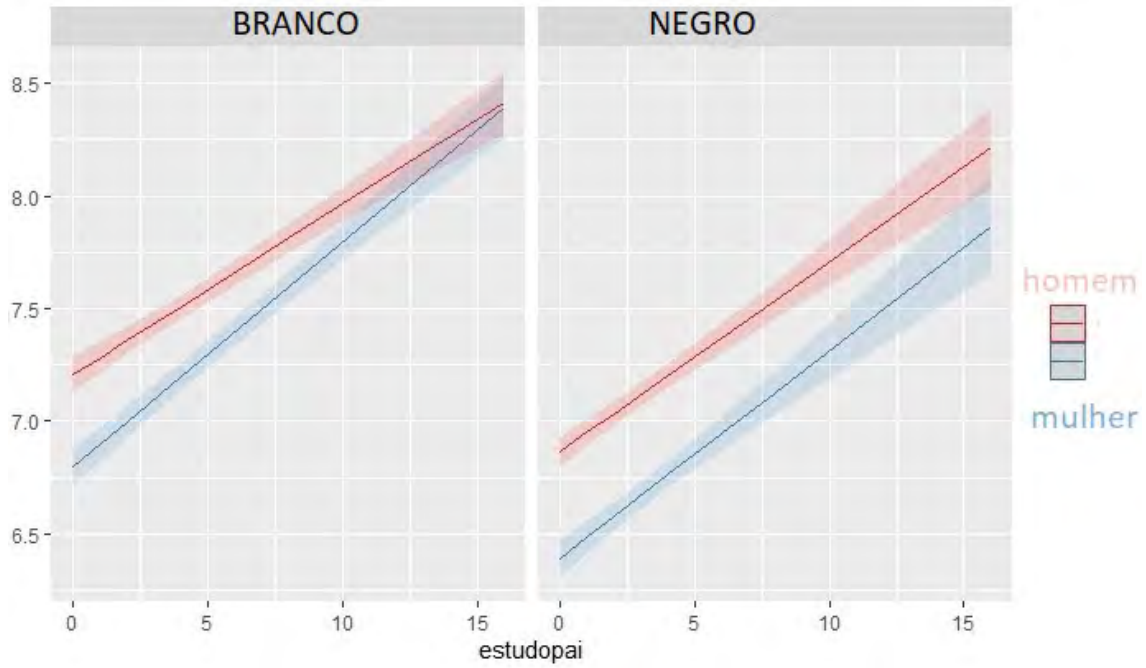


Figura 5: Anos de Estudo x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico

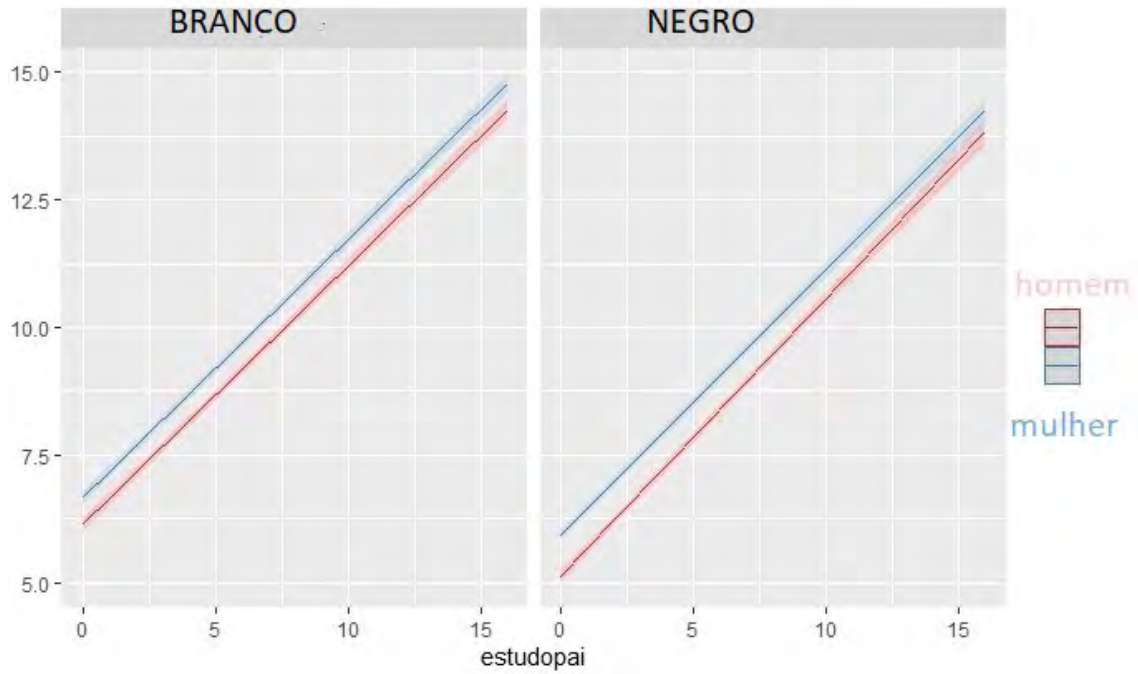


Figura 6: Anos de Estudo x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 25-35 anos

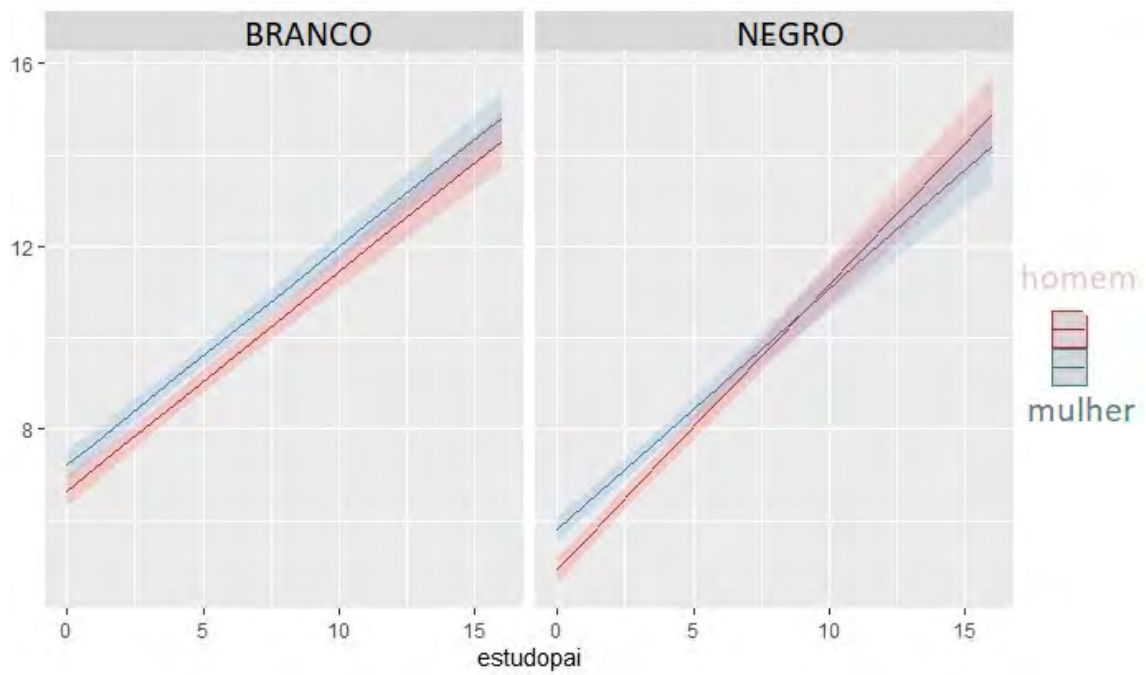


Figura 7: Anos de Estudo x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 35-45 anos

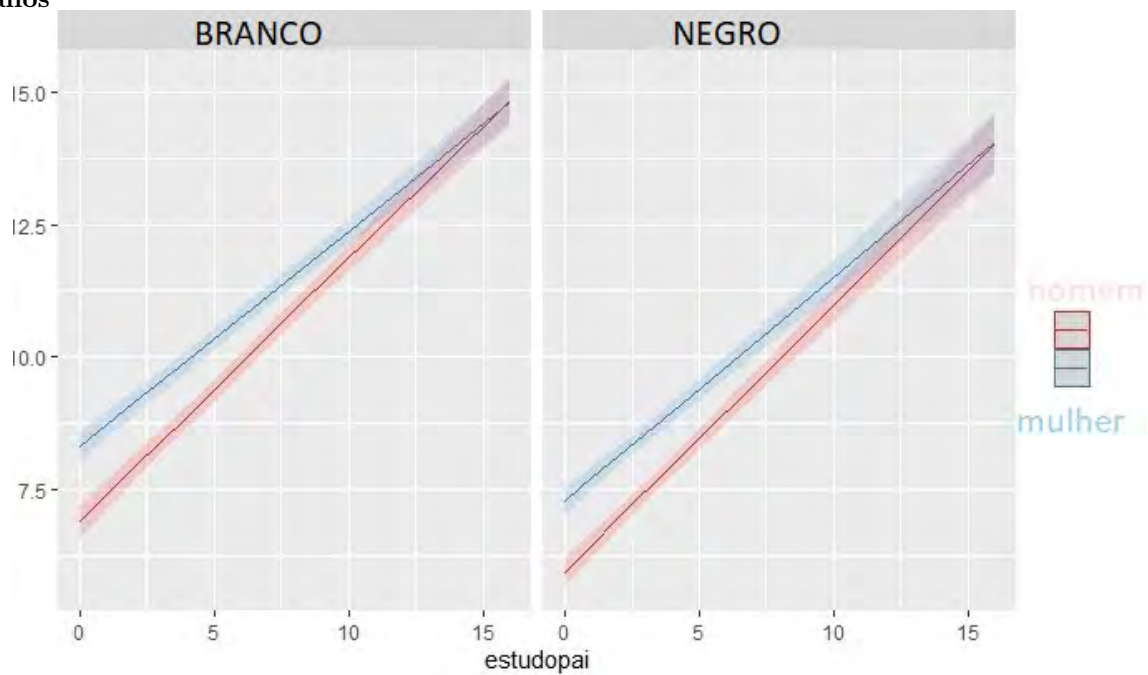
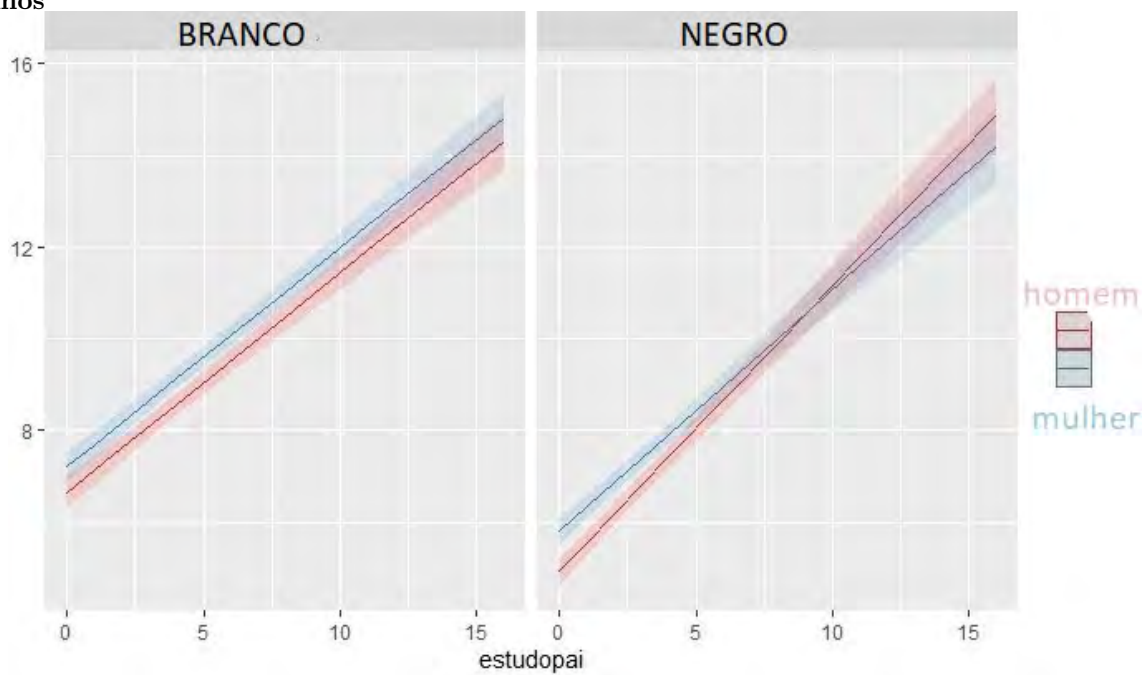


Figura 8: Anos de Estudo x AnosEstudoPai * GrupoDemográfico, para amostra de 45-55 anos



Observando os resultados, inferências importantes podem ser feitas acerca dos grupos demográficos e suas respectivas mobilidades intergeracionais. De primeira, percebe-se que as médias educacionais, sem exceção, aumentam conforme o coorte é mais jovem. Tanto o desvio padrão dos salários, quanto o desvio padrão dos anos de estudo vai diminuindo conforme o coorte é mais jovem também. É notório que, dentre os 4 grupos demográficos observados, a trajetória do salário da mulher negra é a menos expressiva. A mulher negra apresenta, ao longo dos 3 coortes, uma estagnação salarial, onde a maior média salarial é R\$1.167,33, no coorte de 45-55 anos, e, a menor é R\$1.225,67, no coorte de 25-35 anos.

Mulheres brancas apresentam a maior escolaridade média em todas restrições de amostra utilizadas. É interessante pontuar que, mulheres brancas exibem maior escolaridade média que homens brancos, e, mulheres negras apresentam maior escolaridade média que homens negros. No entanto, mulheres brancas apresentam média salarial inferior a dos homens brancos, e mulheres negras apresentam média salarial inferior a dos homens negros.

Pode-se dizer que os efeitos diretos de maior magnitude, em módulo, no salário, são o de ser mulher negra, em seguida o de ser mulher branca, e depois o de ser homem negro. Mas, a elevada escolaridade média das mulheres brancas combinada com a interação $\text{AnosEstudoPai} * \text{MulherBranca}$ (que é, em comparação a do HomemNegro , mais branda), confere às mulheres brancas uma média salarial superior à dos homens negros. Por fim, vemos que as magnitudes desses efeitos negativos aumentam quanto mais velho for o coorte. Ou seja, quanto mais novo o recorte amostral, menor é o impacto direto negativo de ser mulher branca, mulher negra ou homem negro no salário.

Aparentemente, o efeito imediato de ser do homem negro é negativo para os anos de estudos do indivíduo. Porém, ao passo que esse impacto direto é negativo, a interação com a escolaridade do pai é sempre positiva para os anos de estudo, o que só é verdadeiro para as mulheres negras no coorte mais ancião.

Todas os efeitos diretos, sejam nos salários, sejam nos anos de estudo, diminuem em módulo, com seus coeficientes cada vez mais perto de zero, conforme o recorte é mais jovem. Ou seja, conforme as gerações são mais novas, menores são os efeitos negativos de ser mulher branca, mulher negra ou homem negro no salário. As interações dos grupos com escolaridade do pai, nas regressões salariais, também diminuem em módulo, ou seja, apresentam um menor impacto nos salários se compararmos o coorte mais ancião com o mais novo (exceto para as mulheres brancas).

Nota-se que o coeficiente estimado de AnosEstudoPai , foi, em todas as regressões, estatisticamente significativo com p valor menor do que 0.001. Os coeficientes para cada grupo demográfico também são todos significativos e com p valor menor do que 0.001.

Indo além, o coeficiente AnosEstudoPai aumenta entre as gerações de 45-55 para 35-45, porém, na geração 25-35, apresenta uma queda. No coorte mais jovem, o coeficiente estimado apresenta o menor valor dentre os 3 coortes, para todas as regressões tanto de salário, quanto de anos de estudo.

Ademais, constatamos que, em comparação com o Sudeste, as outras regiões brasileiras, na maior parte dos casos, têm um efeito negativo nos anos de educação e no salário do indivíduo. As regiões Norte e Nordeste exibem, na maioria dos casos, p valor menor do que 0.001, e coeficiente negativo. Isso nos mostra que essas duas regiões apresentam mobilidade mais engessada, em comparação com o

Sudeste.

Em relação *Morava*, o impacto de morar com o pai é positivo em todas as regressões e faixas etárias. Todos os coeficientes estimados foram significativos, com p valor menor do que 0.01. Entretanto, é importante ressaltar que aparentemente, o peso da presença do pai, caiu, dos recortes etários mais antigos para os mais novos.

Por fim, segundo os dados apresentado, é cristalino que a população negra, tanto em relação aos estudos, quanto em relação aos salários, fica na margem, ao compararmos com a população branca. E, apesar de as diferenças nas médias educacionais serem menores nos coortes mais jovens, a magnitude das diferenças salariais se estagnou no decorrer dos coortes.

5 Considerações Finais

É certo que a região Sudeste é a região brasileira com maior média salarial e maior média de anos de estudos. A disparidade dessa região para com as outras regiões do Brasil, principalmente com a Norte e a Nordeste é palpável.

A mobilidade intergeracional, felizmente, aumenta conforme os coortes ficam mais jovens, já que o coeficiente estimado para a educação do pai diminuiu relativamente. Porém, os desvios-padrão dos salários reduziram timidamente (se levarmos em conta que, até certo ponto, quanto maior a idade do indivíduo, maior o salário).

Em relação à presença do pai na infância, filhos com pais presentes, tem em média, mais de um ano de estudo, nas três faixas etárias utilizadas.

Ainda, ao analisarmos as estatísticas, vemos que a diferença entre homens brancos, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras é persistente. Mulheres negras são as que apresentam menores rendimentos médios, apesar de terem educação média maior do que os homens negros. Homens brancos têm rendimentos mais altos que mulheres brancas, mas são em média menos escolarizados que elas. Assim, é perceptível que, apesar de uma diferença na escolaridade média, e, possivelmente, na qualidade dessa escolaridade, ainda existe uma diferença salarial entre os grupos demográficos que não é explicada pelo acesso à educação mais elevada.

Assim, podemos concluir que, na geração mais jovem, tanto o *background* familiar quanto o grupo demográfico têm menos peso no que diz respeito à escolaridade e salário do indivíduo. Apesar da baixa mobilidade brasileira, é correto afirmar que a persistência educacional reduziu conforme as gerações. Por último, é crucial ressaltar o ponto de que, apesar de os anos de educação média terem aumentado para todos os grupos nos coortes mais jovens, os salários não acompanharam de forma proporcional.

Isto posto, fica a questão de como elaborar políticas públicas que sejam eficazes para mitigar esse persistente vão socioeconômico. Mulheres negras, mulheres brancas e homens negros não possuem o mesmo acesso a oportunidades que os homens brancos, assim como pessoas das diferentes regiões do país não possuem o mesmo acesso a oportunidades que pessoas da região Sudeste. Para o nosso país

ser mais igualitário na sua renda, as oportunidades precisam ser mais justas para que todos os grupos demográficos possam ser verdadeiramente livres para tomarem suas decisões sem o peso da falta de oportunidades. O investimento em educação pública de qualidade desde o ensino básico, é fundamental para que os salários médios aumentem nas futuras gerações. Porém, outras medidas, focadas principalmente em mulheres negras, homens negros e mulheres brancas devem ser elaboradas, para que essas medidas impactem de forma eficiente os grupos demográficos mais necessitados. Somente garantindo o acesso de todos às mesmas oportunidades, podemos ter um país livre, justo e próspero.

6 Referências Bibliográficas

ACEMOGLU, D; EGOROV, G; KONSTANTIN, S. Social Mobility and Stability of Democracy: Re-evaluating De Tocqueville. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2016

ANNEGUES, A; FIGUEIREDO, E. Mobilidade Intergeracional Qualificada: Uma Abordagem de Mensuração Utilizando Regressões Quantílicas, 2015.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017: NEGROS E JOVENS SÃO AS MAIORES VÍTIMAS. Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas

BECKER, G; KOMINERS, S; MURPHY, K; SPENKUNCH, J. A Theory of Intergenerational Mobility, 2018.

BERMAN, J.; GAVIRIA, A; SZÉKELY, M. Intergenerational Mobility in Latin America, 2001.

BRASIL REGISTRA MAIS DE 180 ESTUPROS POR DIA; O NÚMERO É O MAIOR DESDE 2009 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-mais-de-180-estupros-por-dia-numero-e-o-maior-desde-2009.shtml>

CHETTY, R. et al. Where is the Land of Opportunity? The Geography of Intergenerational Mobility in the United States. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2014

CRUZ, G. Mobilidade intergeracional de renda no Brasil: uma análise da evolução nos últimos 20 anos, 2019.

DESIGUALDADE DE RENDA AFETA EXPANSÃO DO PIB APONTA FMI. Disponível em: www.valor.com.br/internacional/4094348/desigualdade-de-renda-afeta-expansao-do-pib-aponta-fmi

EM QUATRO DÉCADAS, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA AVANÇOU NO BRASIL. Disponível em: economia.estadao.com.br/blogs/mosaico-de-economia/em-quatro-decadas-distribuicao-de-renda-avancou-no-brasil/

FERREIRA, S ; VELOSO, F. Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. 2003

FEMINICÍDEO: O BRASIL É O 5º PAÍS EM MORTES VIOLENTAS DE MULHERES NO MUNDO Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/feminicidio->

brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.html

FIGUEIREDO, E. Mobilidade Intergeracional de renda no Brasil, 2010.

HILGER, N. The Great Escape: Intergenerational Mobility in the United States Since 1940. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2015

MAHLMEISTER, R; GUIMERÃES FERREIRA, S; VELOSO, F; MENEZES-FILHO, N; KAWAOKA KOMATSU, B. Revisitando a Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil, 2019

MULHER GANHA EM MÉDIA 79,5% DO SALÁRIO DO HOMEM, DIZ IBGE Disponível em: <http://jagenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-03/mulheres-brasileiras-ainda-ganham-menos-que-os-homens-diz-ibge>

NEGROS SÃO 17% DOS MAIS RICOS E TRÊS QUARTOS DA POPULAÇÃO MAIS POBRE. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre

OECD, Broken Social Elevator? How to Promote Social Mobility. PARIS: OECD PUBLISHING 2018

OS DADOS QUE MOSTRAM A DESIGUALDADE ENTRE BRANCOS E NEGROS NO BRASIL Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

PASCHOAL, I. Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil, 2008.

PERO, V; SZERMAN, D. Mobilidade Intergeracional de Renda no Brasil. 2008

RENDA DO 1% MAIS RICO É 34 VEZES MAIOR DO QUE A METADE MAIS POBRE, DIZ IBGE Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/10/16/rendimento-brasileiros-ibge-estudo.html>

ROEMER, J; TRANNOY, A. Equality of Opportunities: Theory and Measurement, 2016.

ROEMER, J; ÜNEREN B. Dynamic Equality of Opportunity. New Haven, Cowles Foundation for Research in Economics, 2016

TRABALHADOR BRANCO GANHA POR HORA 68% MAIS DO QUE PRETOS E PARDOS, MOSTRA IBGE Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/11/13/trabalhador-negro-ganha-por-hora-59percent-do-rendimento-do-trabalhador-branco-mostra-ibge.ghtml>

VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA URBANA TÊM COR, SEXO E IDADE: 71% SÃO JOVENS NEGROS. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-vitimas-da-violencia-urbana-tem-cor-sexo-e-idade-71-sao-jovens-negros/>

7 Apêndice

1) A variável "Anos de Estudo" foi feita a partir da resposta do indivíduo a cerca de quantos anos de estudo ele tem. A variável, apesar de muito acurada, é arredondada para 15 anos, quando o indivíduo possui de 15 anos para cima de escolaridade. Isso acaba por sobrestimar os anos médios de escolaridade.

2)

$$\text{LogSalário}_i = \beta_0 + \beta_1 * \text{AnosEstudo}_i + \beta_2 * \text{GrupoDemográfico}_i + \beta_3 * (\text{AnosEstudo}_i * \text{GrupoDemográfico}_i) + \beta_4 * \text{Idade}_i + \beta_5 * \text{Idade}_i^2 + \text{EfeitosFixosRegião}_i + \epsilon_i \quad (6)$$

Tabela 14: Log Salário x Anos de Estudo

	<i>Dependent variable:</i>
	Log Salário
AnosEstudo	0.107*** (0.106, 0.108)
MulherBranca	-0.629*** (-0.654, -0.605)
HomemNegro	0.035*** (0.017, 0.052)
MulherNegra	-0.623*** (-0.644, -0.602)
EfeitosFixosCentrOeste	0.100*** (0.090, 0.110)
EfeitosFixosNorte	-0.168*** (-0.177, -0.158)
EfeitosFixosNordeste	-0.373*** (-0.381, -0.365)
EfeitosFixosSul	0.023*** (0.014, 0.032)
Idade	0.015*** (0.015, 0.015)
AnosEstudo * MulherBranca	0.021*** (0.019, 0.023)
AnosEstudo * HomemNegro	-0.019*** (-0.021, -0.017)
AnosEstudo * MulherNegra	0.004*** (0.002, 0.006)
β_0	5.821*** (5.802, 5.839)
Observations	158,849

Note: *p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01